# PESQUISA DE CAMPO NO COTIDIANO DA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA NA GRADUAÇÃO E O(S) PROCESSO(S) FORMATIVO(S)

**Tania de Assis Souza Granja1;** Felipe Maquiné Santos Silva2;

Francisco Saraiva da S. Júnior3

1Prof.Adjunta da Faculdade de Formação de Professores - FFP/UERJ - São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil, tasgranja@gmail.com

2Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/FFP/FAPERJ, felipemaquine38@gmail.com

3Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/FFP/PIBIC, franciscouerj2020@gmail.com

**Resumo**

Este trabalho é uma breve tradução da experiência vivida no campo empírico nos anos de 2023 e 2024, para a realização de uma pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica, cujo objeto focalizava as práticas curriculares desenvolvidas nas disciplinas de Língua Portuguesa e História, no Ensino Fundamental de uma escola estadual e de uma escola municipal, ambas localizadas no município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Neste texto traremos um recorte de todo o processo, vivenciado com a pesquisa de campo realizada no ano de 2023. Estavam em campo alunos de graduação do curso de Letras, um aluno do curso de História e o professor responsável. Todos os pesquisadores, cada um com seu projeto e questões a serem respondidas, mergulharam no universo da sala de aula com toda a sua complexidade para conhecer como era construído o currículo nessas disciplinas e as práticas pedagógicas desenvolvidas em torno dele para lhe dar sentido. A fundamentação teórica é constituída de Bourdieu (1998), Sacristán (2000), Freire (2001, 2018), com aporte de André (1995), Minayo (1994, 2004) e Goldenberg (2004), dentre outros. Um dos resultados desta investigação foi de um lado, o trabalho colaborativo (Damiani, 2008), que emergiu nas duas escolas, fruto do entrosamento dos professores das escolas com os pesquisadores, em que foi possível desenvolver várias atividades pedagógicas para o enriquecimento do currículo e do conteúdo ensinado e, de outro, a experiência prática de pesquisa de campo que resultou em muitas aprendizagens para o processo formativo de todos os participantes.

Palavras-chave: Pesquisa educacional; Cotidiano escolar; Currículo; Abordagem etnográfica, Trabalho colaborativo.

**Introdução**

A pesquisa educacional tem muito a contribuir no processo formativo do graduando, uma vez que se aprende a pesquisar na prática, no chão da escola com as interações, com o contato direto do pesquisador com a situação pesquisada e, também, a ser pesquisador conhecendo a dinâmica da sala de aula e toda a complexidade do trabalho pedagógico que é desenvolvido pelos professores. No caso da abordagem etnográfica, o primeiro desafio é o pesquisador ser aceito pelos sujeitos que compõem o universo pesquisado (Corsaro, 2005). Para este autor, isto significa o pesquisador "tornar-se nativo", ser reconhecido como um deles, pela comunidade que participará do estudo e, numa aproximação gradual, ele deve [...] mergulhar profundamente na cultura nativa, impregnando-se da mentalidade nativa.'' (Goldenberg, 2004, p. 22). Com esta orientação adentramos os dois campos de pesquisa e lá permanecemos um ano em cada *locus* acompanhando as turmas de sexto, sétimo e o nono ano de escolaridade. Cada pesquisador tinha seu projeto escrito e clareza dos objetivos e das questões que procuraria respostas como um "caçador ativo", que segue sua presa de modo incansável até os lugares mais inacessíveis. Esta associação que Malinowski (1990) faz do etnógrafo ao caçador, possibilita entender o sentido da busca pela evidência etnográfica.

Com a pesquisa de campo iniciada havia regularidade das idas às escolas, a frequência ocorria duas ou três vezes por semana e sempre buscando aproximação progressiva com os professores e com os alunos nas salas de aula. Nesse sentido, à medida que nos aproximávamos dos alunos, sem invadir seu espaço e sempre com muita empatia, eles facilitavam o nosso acesso aos materiais didáticos, aos cadernos ou fichários individuais, livros extraclasse, provas, exercícios em sala, boletins, dentre outros materiais. Esta tática de aproximação acabou facilitando o acesso aos professores, que pediam nossa colaboração para ajudar os alunos nas tarefas e, por vezes, correções de trabalhos; aceitavam nossas sugestões para atividades didático-pedagógicas e, em grande medida, permitiam que desenvolvêssemos oficinas de produção textual com as turmas, oficina no laboratório de informática, sempre num trabalho colaborativo como ensina Damiani (2008).

Os graduandos, previamente, à entrada no campo e durante ele, estavam "alimentados" de leituras, de um aporte teórico-metodológico que permitisse a compreensão dos fenômenos

observados. Desse aporte teórico estudado, alguns foram muito importantes para esta "leitura" no/do campo e compreensão mais imediata do que acontecia, especialmente, na sala de aula, como Bourdieu (1998), Sacristán (2000), Freitas (2012), Nóvoa;Alvim (2021), Tardif (2008), dentre outros.

Como já mencionado, as pesquisas realizadas pelos graduandos eram de cunho etnográfico e para "pavimentar" o caminho a fundamentação teve em André (1995), Goldenberg (2004) e Minayo (1994, 2004) as bases de sustentação. Assim sendo, alguns procedimentos foram adotados como a observação participante, a pesquisa documental, a descrição densa, o caderno de campo, oficinas pedagógicas e fotografias, dentre outros. Este exercício de apropriar-se de técnicas e exercitar um "arsenal" de procedimentos para garantir uma coleta de dados qualitativamente importantes é um treinamento de grande valia para os pesquisadores em formação, aguçando os sentidos, aprimorando a escuta e desenvolvendo um olhar mais sensível para o objeto e para os sujeitos participantes do estudo.

Cada pesquisador ao entrar no campo, tinha clareza do seu objeto e das questões que norteariam o trabalho a ser desenvolvido. Do mesmo modo, do objetivo geral que era conhecer as práticas pedagógicas que orbitavam em torno do currículo desenvolvido nas disciplinas de Língua Portuguesa e História. Este era o farol no meio daquele oceano que seria navegado. Minayo (1994, p. 26), reforça esta ideia, quando retrata essa experiência como "[...] um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório [...]", tendo em vista que a pesquisa e seus resultados são provisórios, ela nunca termina. Cada campo, cada pesquisa "finalizada" acrescenta algo novo no nosso processo formativo, estamos sempre num *continuum* de aprendizagens.

## Desenvolvimento

### Tornar-se pesquisador: um exercício de reflexão, de permanentes descobertas e aprendizagens

Nossa investigação no campo começa com os pesquisadores, individualmente, fazendo um movimento interno de descentramento de seus referenciais e concepções próprias, superando o pensamento egocêntrico e fazendo um esforço de estranhamento de suas crenças, é o que André (1995) nomeia de "princípio da relativização" da experiência vivida no campo, ou em

outras palavras, como aponta DaMatta (1997, p.144), o pesquisador entra "[...] num processo profundamente relativizador de todo conjunto de crenças e valores que lhe é familiar.". A partir disso, conseguimos olhar o "outro" e (re)conhecer a cultura dos sujeitos que estamos investigando e, sobretudo, adotar uma postura de humildade diante do campo e seus nativos e, assim, fomos conquistando os alunos e os professores.

Lembrando o que DaMatta (1997, p. 21), nos ensina de que fazemos reconstruções e que nenhuma reconstrução ou observação será capaz de apreender "[…] perfeitamente bem todo o processo em questão.", pois a totalidade da experiência vivida no campo e a totalidade da compreensão dos fenômenos se mantém fora de alcance, são sempre parciais e provisórias. Esta é uma angústia que acompanha o pesquisador iniciante e até mesmo os mais experientes, mas que proporciona uma crescente maturidade no desenvolvimento do seu processo formativo. Vejamos um trecho avaliativo da experiência vivida no campo pelos graduandos-pesquisadores. Eles dizem que:

> Estar no campo agregou variadas formas na minha formação pessoal, acadêmica e profissional, desenvolvi maior sensibilidade social, não apenas dos estudantes, mas também dos professores, percebi que os problemas não estavam neles e que não poderia responsabilizá-los pelos problemas estruturais da escola. Pude colocar em prática a teoria e ver no chão da escola conceitos como reprodução das desigualdades (Bourdieu, 1998), eliminação adiada, meritocracia e responsabilização (Freitas, 2012), ressignificação (Sacristán, 2000), entre outros. Em resumo, agora tenho uma compreensão mais realista e madura da docência e a consciência que o professor tem um papel social muito importante na sala de aula e na formação pessoal das pessoas (sic). (Júnior,2026).

> Ao refletir sobre o trabalho realizado, penso que a minha experiência como pesquisador foi, de maneira indiscutível, bastante especial. Tanto dentro da sala de aula quanto fora dela, o contato contínuo com a cultura escolar, a partir do trabalho colaborativo com as turmas, foi intensamente significativo. No cotidiano da escola, existem teias de significados em todos os contextos, seja nas relações afetivas entre alunos e professores, nas práticas curriculares que norteiam o fazer formativo, nas atividades pedagógicas que, coletivamente, atribuem sentido às experiências educacionais etc., que necessitam de uma observação e escuta atentas para serem apreendidas e interpretadas (sic). (Silva, 2026).

Tornar-se pesquisador é uma construção permanente que fazemos de nós mesmos através do exercício do pensar e praticar. É, em outras palavras, segundo Freire (2001, p.430) "[...] a reflexão crítica sobre a prática.", num movimento constante de reflexão-ação-reflexão ou a práxis, como alerta Kosik (1995, p.27), afirmando que "A compreensão das coisas e do seu

ser, do mundo nos fenômenos particulares e na totalidade, é possível para o homem na base da abertura que eclode na práxis. Na práxis e baseado na práxis, o homem ultrapassa a clausura da animalidade [...]". Aprofundando a reflexão e apoiando-nos no autor, afirmamos que na pesquisa de campo podemos "[...] vivenciar sem intermediários a diversidade humana na sua essência com seus dilemas, problemas e paradoxos." (DaMatta, 1997, p.79), o que contribui, sobremaneira, na nossa formação transformando-nos em seres verdadeiramente humanos.

O trabalho de pesquisa de abordagem etnográfica impõe que, nele o pesquisador vá reunindo, "catando pacientemente" detalhes, eventos, os dados "[...] com a esperança de que, uma síntese plausível se realizará." (Goldman, 2003, p. 455). Dito de outra maneira, que a eclosão de um *insight* nos forneça uma clareza súbita, que ligará os pontos possibilitando uma síntese que não tem dia nem hora marcada para acontecer, apenas acontece e a sensibilidade do pesquisador é que o alertará para este evento num processo indutivo.

Nos encontros semanais do grupo de pesquisa para estudos, ocorria, também, o que denominamos de orientação-formação dos graduandos para o trabalho de campo. Este "treinamento" fazia parte de um movimento necessário, pois nesses encontros conversávamos sobre o *locus*, a dinâmica da instituição, os sujeitos, o cotidiano da escola e as observações da sala de aula, mas, também, sobre muitos sentimentos vividos no campo e muitas outras questões que precisavam ser refletidas para que cada graduando conseguisse levar a termo sua pesquisa. Nesse espaço de orientação-formação ocorre uma troca em que ensinamos e aprendemos, mas a visão experiente do trabalho de campo, para o pesquisador iniciante e inexperiente, é, também, um espaço de aprendizagem como ensina Peirano (2014, p.380), ressaltando que "A empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos –, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, são sobretudo, fontes de questionamentos e reflexão permanentes. Os graduandos-pesquisadores explicitam sua experiência, vejamos:

> O contato com todo o contexto pesquisado gerou muitos dados e muitas reflexões acerca de como se encontra o sistema educacional, tive o cuidado de entender que as condições concretas das escolas impactam diretamente o rendimento dos alunos e o aprendizado. A falta de professores, múltiplas jornadas, turmas cheias e precarização da escola são dados reais que presenciamos no campo de pesquisa. Portanto, o conhecimento sistematizado a partir desse relato é que as desigualdades são produzidas e reproduzidas no cotidiano escolar (Bourdieu, 1998) (sic). (Júnior, 2026).

> [...] asseguro que o desenvolvimento da pesquisa apresentou resultados que estarão presentes durante todo o meu processo formativo. O estudo mostrou-se revelador de muitos fenômenos que necessitam atenção, pois em parte considerável, dizia respeito às desigualdades de oportunidades educacionais. Por isso, penso que minha observação e atuação estará condicionada à atenção diante desses casos (sic). (Silva, 2026).

Nesta perspectiva, desenvolver uma escuta e um olhar sensível do pesquisador são, também, suas ferramentas fundamentais de trabalho e isso só desenvolvemos com a experiência e com o contato direto no campo.

Compreendendo que a realidade é dinâmica, o fluir dos eventos cotidianos, a rotina da sala de aula ou algum acontecimento singular, sobretudo, uma série de fenômenos de grande importância que "borbulham" no campo, estes não são captados em perguntas ou qualquer documento/instrumento quantitativo, pois escapam a este tipo de registro, mas devem ser observados no *locus*, em sua plenitude na realidade vivida. É o que Malinowski (1990, p.54-55) chama de "os imponderáveis da vida real", reafirmando, assim, um dos pilares de sustentação da etnografia que é o trabalho de campo com a convivência íntima, a experiência pessoal, o contato tão estreito quanto possível e a permanência no campo por um tempo prolongado, tornando-se uma condição para a abordagem etnográfica. Esta condição permite ao pesquisador compreender "por dentro" o grupo estudado, sua realidade, sua cultura e, por quê não, seu mundo.

Entendemos que transformar a orientação-formação num momento de reflexão e acolhimento das incertezas e angústias de estar no campo, "desbravando" um terreno nunca antes "habitado", significou fortalecer os graduandos-pesquisadores e, também, desenvolver a autoconfiança em cada membro do grupo de pesquisa para a continuidade do percurso da investigação.

Pensando com o mestre Freire (2001, p.43), este exercício de praticar a formação docente no que ele chama de um "[...] pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador." E, através do processo de formação permanente, caminhar pensando criticamente a prática da pesquisa.

**A pesquisa de campo e o trabalho colaborativo: uma estratégia para a produção do conhecimento e construção de aprendizagens**

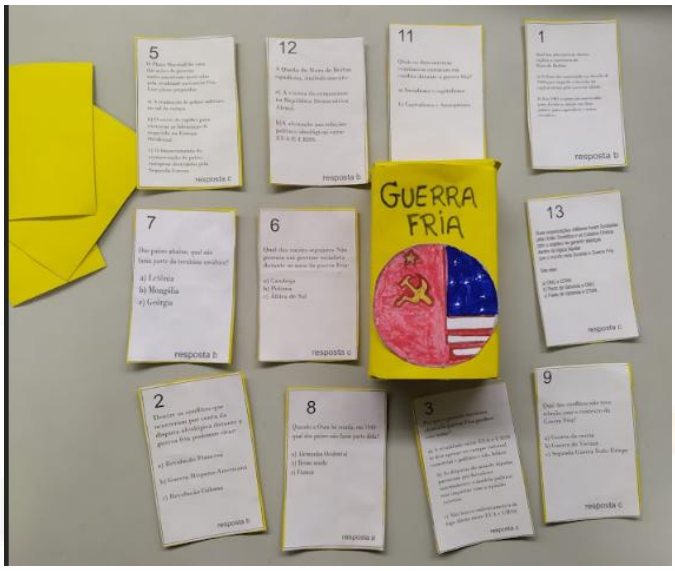
Nossa busca começa na escola estadual em 2023, onde iniciamos a pesquisa de campo, tendo como cenário a sala de aula de quatro turmas do 9º.ano do Ensino Fundamental. A observação participante permitiu estabelecer uma relação de interação com os alunos e professores dando início a coleta de dados com o acesso ao material escolar: cadernos, provas, exercícios realizados em sala e trabalhos de casa que vão compor a pesquisa documental. No percurso tivemos oportunidade de participar, a convite do professor de História, da confecção de jogos a partir de conteúdos ensinados no 3º.bimestre: a Guerra Fria e a Ditadura Militar. Do mesmo modo, a professora de Língua Portuguesa nos chamou para trabalhar colaborativamente, na acepção de (Damiani, 2008), na elaboração de oficinas de produção textual, a partir dos conteúdos que foram ensinados como: gênero textual diário, narração e descrição. Isso nos permitiu reunir evidências importantes sobre o currículo e as práticas curriculares; sobre as práticas pedagógicas na sala de aula, dentre outras evidências importantes para nossas pesquisas.

O trabalho colaborativo com os professores, que no dizer da autora é traduzido no trabalho "junto com", "compartilhado", onde os membros do grupo se apoiam para "[...] atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo, estabelecendo relações que tendem à não-hierarquização, liderança compartilhada, confiança mútua e co-responsabilidade pela condução das ações." (Damiani, 2008, p.215), sempre negociadas previamente com os professores das turmas. Dentro da concepção da autora, o trabalho colaborativo pressupõe uma permanente negociação, presume que participemos do "evento" com eles.

Assim, nosso primeiro trabalho colaborativo (Damiani, 2008), neste campo ocorreu com a atividade pedagógica trazida pelo professor de História. A proposta foi a de transformar o conteúdo ensinado sobre "Guerra Fria" em jogos para que os alunos pudessem estudar e se divertir também. Esta proposta proporcionou aos alunos um tempo de criação para que fizessem a tradução daquilo que tinham apreendido para compartilhar com os colegas em sala de aula apresentando para a turma o jogo produzido pelo grupo. Nossa atuação, enquanto pesquisadores, se materializou com a técnica de observação participante, num contato direto e numa relação face a face no cotidiano da sala de aula, ajudando os grupos na sua formação e organização, dando algumas orientações na confecção dos materiais e participando da

dinâmica interacional que se estabelecia em sala. Segundo Cruz Neto (1994, p.59), a importância dessa técnica "[...] reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos [...], uma vez que, observados diretamente na própria realidade [...]". Vejamos algumas ilustrações dos jogos:

Foto 1 – Jogo de perguntas e respostas




Fonte: dado do campo de pesquisa - Fotografia: acervo dos autores

Na foto 1, o jogo tinha uma dinâmica que era de perguntas e respostas criadas pelo grupo de alunos (nos cartões brancos) sobre o conteúdo ensinado, sendo considerado vencedor aquele que acertasse mais perguntas.

Foto 2 – Jogo de tabuleiro (Ludo)




Fonte: dado do campo de pesquisa - Fotografia: acervo dos autores

Já na foto 2, o jogo era uma trilha que tem uma casa de origem e você avança nas casas à medida que acerta as perguntas, previamente elaboradas, em cartelas (azul e vermelha) relativas ao conteúdo da Guerra Fria até atingir a linha de chegada. É inegável que essas ilustrações revelam muita criatividade e a capacidade inventiva dos alunos na apresentação do material. Era recorrente ouvir nos grupos discussões polarizadas sobre "Capitalismo e Comunismo"; Temáticas como socialismo; Críticas sobre os países envolvidos na "Guerra Fria", dentre outras. Nesta experiência vemos a potência socializadora, cultural e intelectual desencadeada pela proposta pedagógica, além de habilidades manuais extraordinárias e o fluxo de informações que foram materializadas de forma lúdica nessa prática curricular.

Neste campo, fizemos uma primeira atividade pedagógica com a professora de Língua Portuguesa, trabalhando o livro intitulado "O quarto de despejo: diário de uma favelada" de Carolina Maria de Jesus, cujo desafio foi uma produção textual com o gênero "Diário". Esta proposta de imediato foi bem aceita e executada com bastante empenho. Numa segunda atividade proposta, novamente, num trabalho colaborativo com a professora, arrumamos a sala de aula antes dos alunos chegarem e demos uma outra disposição às carteiras em forma de uma plenária e quando adentraram a sala ouvimos expressões como: "maneiro!" (sic). "Tá show!" (sic); "Muito Legal!" (sic); "Taí gostei!" que expressavam uma certa alegria de estar naquele espaço que era diferente da sala de aula do modelo "bancário" na concepção de Paulo Freire (2018), onde os alunos ficam entediados e mesmo resistentes em aprender. Vejamos:

Foto 3 – Atividade 2 - sala de aula em duas fileiras em forma de uma plenária



Fonte: dado do campo de pesquisa Fotografia: acervo dos autores

Foi perceptível que os alunos durante a atividade demonstraram vivo interesse em aprender, ficaram focados na tarefa e se envolveram intensamente. Como resultado final da atividade tivemos textos elaborados por eles que nos surpreenderam, pois a construção daquele conhecimento foi além da nossa expectativa. Podemos inferir que tanto a atitude dos alunos quanto à aprendizagem ocorrida deve-se, em alguma medida, ao tipo de interação que se deu entre professor, pesquisadores, aluno e o material didático, pois ao oferecermos diferentes situações de envolvimento com a aprendizagem, isso vai ser refletido no currículo e na prática pedagógica que orbita em torno dele (Sacristán, 2000). Na perspectiva de Cajal (2001, p.133), "Ensinar e aprender são processos interativos que requerem a participação de professores e alunos [...], uma vida escolar bem sucedida depende em grande parte de professores e alunos compartilharem convenções sociais e culturais [...]", pois isso acontecendo, estão criadas as condições para que a aprendizagem ocorra.

**Considerações finais**

A prática da pesquisa de campo requer, como explicitado no texto, várias articulações, negociações e enfrentamento de desafios para o êxito deste empreendimento. Neste percurso feito no trabalho de campo pela equipe de pesquisadores, foram muitas as aprendizagens realizadas e, também, a constatação de um cenário de evidências que foram coletadas a partir de um olhar "de perto e de dentro" (Magnani, 2002) da sala de aula, que provoca muitas reflexões, quando pensamos numa educação que respeite os direitos humanos e seja de qualidade para todos.

Nesse sentido, diante dos apontamentos trazidos, consideramos que o período de coleta de dados no campo empírico exige uma compreensão desse espaço de pesquisa, não apenas como um *locus* de aplicação de instrumentos e domínio técnico, pois entendemos que ele está para muito além disso. Sendo assim, uma base teórica é de extrema importância para olharmos para os dados dentro de um quadro de referência, para que tenham confiabilidade e sejam dados significativos.

**Referências Bibliográficas**

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: **Escritos da Educação**, Petrópolis: Vozes, 1998, p. 41-64.

CAJAL, Irene. Baleroni. A interação de sala de aula: como o professor reage às falas iniciadas pelos alunos? *In*. PAGLIARINI COX, Maria Inês; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia (org). **Cenas de sala de aula**. Campinas/SP: Mercado de Letras. 2001. p.125-159. (Coleção Ideias sobre Linguagem).

CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/HkDSKzZZJKdsSFtqBHmZxbF/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 22 fev. 2024.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994, p. 51-66. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf. Acesso em: 25 abr. 2023.

DAMATTA, Roberto**. Relativizando:** Uma Introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997, p. 17-35.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios**. Educação em Revista.** Curitiba, v. 24, n. 31, p. 213-230, 2008. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/12795/8687. Acesso em: 10 mar. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6021142/mod_resource/content/1/E4%20-%20Texto%201.pdf. Acesso em 15 mar. 2024.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 379-404, 2012. Disponível em: SciELO - Brasil - Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. Acesso em: 25 mar. 2025.

GOLDMAN, M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 46 nº 2, p. 445-476, 2003. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27171/28943 Acesso em: 10 jul. 2025.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar***:* como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 1. ed. São Paulo: Ática, 2020.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. São Paulo: Paz e Terra. 1995.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 mar. 2024.

MALINOWSKI, B. Objetivo, Método e alcance desta pesquisa. In: ZALUAR, Alba G. **Desvendando máscaras sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1990. p.39-61.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 1994.

_____. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

NÓVOA, A.; ALVIM, YC. Os professores depois da pandemia. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 42, p.1-16, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 14 jan. 2026.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/horizontesantropologicos/article/view/56615 Acesso em: 10 fev.2026.

SACRISTÁN, José G. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. Tradução Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000. p. 13-95;165-223.

TARDIF, M. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.